
CAMINHOS DO GADO E FEIRAS NO URUGUAI

Cattle trails and fairs in Uruguay

Vías pecuarias y ferias en Uruguay

Pierre Deffontaines

Tradução: Gervasio Rodrigo Neves**

** gervasio.rneves@gmail.com

Versão online publicada em 10/04/2023 (<http://seer.ufrgs.br/paraonde>)

Nota explicativa desta tradução

Este artigo é a tradução do texto original publicado em 1951, quase desconhecimento entre os atuais geógrafos, embora o autor tenha produzido importantes descrições de paisagens do Brasil, Uruguai, Argentina, região andina e Canadá. Escolhi-o pela sua importância para a história moderna da comercialização de bovinos no Rio Grande do Sul.

Cheguei a Pierre Deffontaines na preparação de minha dissertação para o mestrado, sob orientação de Aziz Nacib Ab'Saber, "Mão de obra rural na área metropolitana de Porto Alegre (1974)" onde utilizei o comentário "*Courbe représentant le rythme des travaux agricoles*", de Jean Brunhes e P. Deffontaines, *Bulletin de l'Association des Géographes Français*, nº 8 e, depois de traduzir, parcialmente, a tese de Raymond Pebayle (1974) "*Eleveurs et agriculteurs du Rio Grande do Sul (Brésil)*". São de Deffontaines os artigos referenciados em sua tese: (1) *Le rôle de l'élevage dans la regionalisation de l'espace au Brésil*, (2) *Histoire du bétail dans les pays de la Plata et plus, particulièrement en Uruguay*, (3) *Routes du bétail et types de foires en Uruguay. Les Cahiers d'Outre-Mer*, IV (14).

A tradução deste artigo faz parte de um projeto pessoal de pesquisa que venho desenvolvendo no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul ou isoladamente, sobre alguns temas de geografia do Rio Grande do Sul, especialmente agora, com foco no Geografia da Pecuária no Litoral Norte, praticamente ignorada pela literatura, apesar das relações que hoje mantém com duas grandes conurbações urbanas do Rio Grande do Sul: (1) a região metropolitana de Porto Alegre e (2) a conurbação balneária, estacional, junto ao Oceano Atlântico. Essas indicações já se delineiam: uma agricultura e pecuária moderna, tecnicizada e rural-urbana.

É necessário registrar que a utilização do sistema feira-leilão começa no Brasil em Uruguiana (RS) em 1961, dez anos após o artigo de Pierre Deffontaines. Não por acaso iniciada tendo como modelo o sistema utilizado no Uruguai e na Argentina. Somente com a Lei 4.021 de 20 de novembro de 1961 foi criada, no Brasil, a profissão de leiloeiro-rural.

É evidente que a tradução em si já é uma pesquisa, um processo de olhar e de ver, de reelaborar, um incentivo às investigações, insisto no plural, investigações e descrições que abrem amplos e inesperados caminhos à compreensão dos recentes processos de

adaptações e recriações. A tradução é um processo de investigação.

CAMINHOS DO GADO E FEIRAS NO URUGUAI

A quase exclusiva riqueza do Uruguai é o gado considerando que 85% do total das exportações do país é constituída de carne, couro e lã. Por outro lado, o resultado do cálculo da relação entre cabeças de gado dividida pela população humana revela os índices de quatrocentas cabeças de bovinos e mais de oitocentos ovinos por cem habitantes o que é um dos índices mais elevados do mundo.

Essa riqueza é relativamente recente, pois os primeiros bovinos chegaram, na margem oriental do Rio Uruguai nos anos de 1603, 1611 e 1617, onde se reproduziram em grandes manadas em estado selvagem, isto é, gado chimarrão que ultrapassava alguns milhões de cabeças antes da chegada dos colonizadores. No Século XVII os índios eram poucos e os europeus apenas alguns. A Banda Oriental se transformou numa imensa vacaria que o Cabildo de Buenos Aires procurou manter sob seu controle exclusivo. Buenos Aires negociava com os interessados no gado selvagem para povoar outras áreas ou extrair o couro. A autorização para caça, retirada ou matança desse gado na Banda Oriental se constituía nas vaquejadas (vaqueadas) cujo principal objetivo foi extrair e preparar o couro (courear) ou povoar estâncias de outras regiões.

Essa foi a Era do couro sucedida pela da carne seca e salgada, o charque (xarque ou tasajo).

O gado tinha pouco calor. Criolo de origem espanhola, se transformava em de valor através dos ossos, couro e músculos. A exploração inicial desse gado foi realizada por contrabandistas em incursões muito rápidas. Tais atos não se constituíam como apropriações, mas em simples “coleta”. Todos cobizavam essa mina de carne: os flibusteiros e bucaneiros franceses vinham se aprovisionar de xarque que permutavam nas Antilhas por rum e tafiá. Agiam rápido nas incursões clandestinas no território das vacarias para caçar, comprar ou simplesmente abater o gado na forma mais primitiva: com foice e, assim, obter maior produtividade. A exploração desse gado, em grande parte, clandestina, se fazia sem apropriação. Essa forma de exploração, quase livre e sem negociações, foi se transformando segundo etapas tecnológicas: as ovelhas foram introduzidas após 1830, quando se inicia a utilização de arame para cercar as propriedades e campos. Logo depois de 1870, essa técnica de controle é aplicada à melhoria técnica da criação de ovelhas, pelas dificuldades de vigiá-las, mas necessária à seleção e à melhoria da qualidade da lã, cada vez mais exigida pelo comércio internacional. Com a implantação dos frigoríficos no Uruguai, após 1900, foram ampliadas e aceleradas exigências para a melhoria da qualidade e maciez da carne bovina, graxa, do sebo e do couro. As sucessivas revoluções na produção e comercialização de bovinos determinaram novas organizações técnicas no mercado de gado, especialmente nos caminhos e nos lugares de compra e venda.

1. Os caminhos do gado

O gado faz o seu próprio transporte não necessitando de veículos nem de estradas à sua locomoção. A falta desses requisitos era tal que deixavam o país

num estágio muito limitado das estruturas de comunicações. Entretanto, os caminhos eram necessários pois todo o gado ou os seus produtos eram transportados, exclusivamente, à Costa onde estão concentradas as instalações necessárias às exportações, os frigoríficos, curtumes, salga da carne e a limpeza da lã. Atualmente, todos os frigoríficos se localizam nessa área que se constitui numa verdadeira “Costa da Carne”.

Até então só existiam caminhos do interior à região Litoral. Não existiam outros caminhos enquanto o gado circulava no eixo Norte-Sul destinado exclusivamente ao Litoral, mercado das necessidades do interior do país.

O Uruguai estava dividido em grandes regiões de especialização da pecuária bovina: a zona Norte, além da margem direita do Rio Negro, se diferenciava, progressiva e funcionalmente da zona Sul, na margem esquerda do mesmo rio, por suas respectivas especializações: criação e de engorda do gado.

Sob o ponto de vista geológico, o território uruguaio está assentado, quase integralmente, no Escudo Brasileiro construído de rochas antigas ou de mesas areníticas-basálticas da Bacia do Paraná. No Escudo, as rochas afloram em superfícies pedregosas nas quais o solo é muito fino e raso, sujeito aos afeitos frequentes das estiagens de verão e das friagens invernais. As pastagens, nessas áreas, são insuficientes e sujeitas a degradação. Por outro lado, a porção meridional vizinha do pampa argentino é constituída de solos originados de depósitos sedimentares eólicos transportados pelo pampeiro, o vento de oeste, com poeira das erupções vulcânicas andinas. Aí, o solo, mais profundo e rico, oferece uma forragem regular, variada e abundante o que atende à necessidade e às exigências do gado, cada vez mais gordo, dos frigoríficos.

A qualidade e particularidade das pastagens distingue a formação de uma zona meridional capaz de assegurar, plenamente, a engorda dos animais durante os meses de inverno, o que na época era fundamental pois os frigoríficos reclamavam gado cada vez mais gordo. As estâncias do Sul se orientam às invernações, isto é, a engorda do gado durante o inverno, transformando a região, em formação, especialmente nas ricas propriedades do Departamento de Soriano.

No Norte as estâncias especializam-se na cria e na transferência do gado magro às invernações.

A especialização funcional das zonas do sistema pastoril uruguaio é cada vez mais acentuada pela formação, entre elas, de uma faixa territorial central especializada na criação de ovinos (Departamento de Durazno).

Assim se distinguem, perfeitamente, uma zona meridional que pode assegurar melhor engorda ao gado, o que era fundamental na época. As estâncias do Sul se orientam para as invernações, isto é, à engorda durante os meses de inverno. O Sul se transformou numa região de engorda, nas ricas propriedades do Departamento de Soriano.

As estâncias do Norte se dedicam à cria e à exportação do gado magro para as áreas de invernações. Esta divisão funcional se desenha cada vez mais nítida e se acentua pela existência de uma zona intermediária ocupando o centro do Uruguai, separando os dois domínios de pecuária complementares. Essa zona central é, cada vez mais, especializada na criação de ovinos (Departamento Durazno).

Para o deslocamento das tropas, tanto para o Litoral como para o interior do país, os caminhos, durante muito tempo, eram simples trilhas naturais, caminhos de tropas que constituíam a primeira rede viária do Uruguai. Esses caminhos seguiam as linhas de cumeadas das coxilhas.

O único obstáculo eram os cursos de água não só em razão da água que os obrigava a procurar as passagens, mas também, e principalmente, pela ocorrência de matas galerias muito fechadas, os montes que acompanham os fundos de vale e se mostravam mais difíceis de transpor do que os próprios cursos de água. Eram raros, nos grandes rios, os passos como, por exemplo, o do Rio Negro, o Passo de los Toros que concentrava as passagens das tropas provenientes do Norte, destinadas ao Sul. Nesses trechos era necessário derrubar árvores, “abrir caminhos” estreitos, criando o que se denominava de picadas. O traçado dos caminhos evitava atravessar esses vales. Nos grandes rios eram raras as cômodas como a importante e famosa Passo de los libres no Rio Negro onde se concentravam muitas rotas do Norte em direção ao Sul. Ao longo dessas vias os percursos se faziam em curtas jornadas com as tropas conduzidas por tropeiros a cavalo, espécie de pastores de tipo gaúcho, chamados na Argentina de reserteros. Esses pastores conheciam as melhores pastagens ao longo do caminho onde faziam paradas para o seu repouso e dos animais.

A revolução do aramado (alambramiento) começou por volta de 1890 e fez a primeira modificação técnica no transporte do gado, alterando os trajetos das tropas. A escolha dos caminhos, a partir desse período não estava mais livre, pois foram limitados a seguir novos rumos, novas linhas, agora geométricas, dos limites das propriedades, respeitando as linhas das cercas de arame, em terrenos que antes atravessavam utilizando-se de dispositivos que possibilitavam transitar por essas terras sem que o gado das estâncias pudesse escapar, utilizando passagens de nível para os veículos motores designados de guardaganaso, correspondentes ao mata-burros dos brasileiros.

As longas viagens das tropas cansavam os animais provocando o aumento da mortalidade, fato identificado pela ocorrência das ossadas de cabeças abandonadas ao longo dos itinerários percorridos. Os animais descansavam, de tempos em tempos mais ou menos prolongados, antes de serem conduzidos aos abatedouros. Nessas paragens era necessário garantir a reserva de grandes áreas de pastagens no Litoral, onde a terra é muito cara, muito onerosa, mas indispensável à engorda dos animais cuja qualidade pudesse ser comprometida pelas viagens, razão porque tanto evitavam as longas marchas. A instalação da rede ferroviária veio facilitar o transporte de gado. Com grandes perspectivas de crescimento de mercado, foram adquiridos vagões para acelerar e facilitar o fluxo comercial dos bovinos, inclusive com a utilização de vagões específicos para o transporte do gado.

Entretanto, o transporte ferroviário ainda exige um certo deslocamento tradicional de tropas para conduzi-las dos estabelecimentos de produção às estações ferroviárias de embarque (corrals) onde se localizam os equipamentos que possibilitam transferir os animais para os vagões.

Após a expansão dos automóveis, depois da Primeira Guerra Mundial, começou a ser implantada a rede rodoviária moderna com a utilização de caminhões, no que resultou numa forte concorrência geradora de um crescente

déficit financeiro das ferrovias. Atualmente, o gado é transportado em grandes caminhões com reboque que são capazes de transportar até 50 cabeças por viagem, isto é, muito mais do que os vagões ferroviários.

Essas sucessivas modernizações provocaram sérias dificuldades nos caminhos das tropas. Os antigos gaúchos estavam sendo excluídos aceleradamente do trabalho. Hoje eles são os testemunhos de um antigo gênero de vida em via de extinção.

Muitos dos boliches foram abandonados ou mudaram de atividade em razão da reorganização desse curioso sistema de comércio de gado: as “feiras de remate”.

2. As feiras

Utiliza-se, no Uruguai, uma técnica de venda pastoril muito frequente e respeitada na América do Sul: o leilão (subasta) que é muito utilizada também em outros tipos de negócio: venda de móveis, propriedade imobiliárias, várias matérias primas. Essa técnica comercial está adaptada à psicologia dos comerciantes sul-americanos, conhecidos pela força extraordinária que sobre eles se exercem as práticas de jogos, loterias e apostas. Os negócios de gado estão ajustados a esse comportamento.

Os “remates ferias” são sítios cercados organizados nas grandes áreas de campo, designados de local, comportando uma grande extensão de pastagem com pelo menos, algumas centenas de hectares, frequentemente, bem maiores por vezes com mil e quinhentos a dois mil hectares ou mais, segundo a importância das transações. É nesse espaço que as tropas descansam alguns dias antes de sua apresentação ao público. O local é dividido em diversos cercamentos de arame ou de madeira, de variadas dimensões, chamados de currais de manejo, onde o gado é agrupado em lotes e encerrado antes de ser levado ao corredor principal no qual os lotes serão apresentados aos compradores. Este curral, para o qual todos os currais de manejo se abrem, desemboca em um corredor central designado de pista, frequentemente, bordejada de arquibancadas.

O percurso do gado entre o curral de manejo e o principal se faz pelo corredor central designado de pista, contornado por arquibancadas que possibilitam a melhor visualização dos animais pelo público. Na frente dessas arquibancadas está o arrematador, isto é, o leiloeiro responsável pela difusão de informações ao público, quantidade e qualidade do gado à venda e por obter os melhores preços, tanto para os compradores, como para os vendedores. Atrás da tribuna está localizado o galpão para os serviços próprios da feira: secretarias ou escritórios.

Essa disposição dos equipamentos é, mais ou menos, igual em todas as feiras-leilões. Nas mais frequentadas a tribuna é coberta e, às vezes, têm arquibancadas laterais para o público. Entretanto, os leilões são constituídos de espaços livres.

As construções estão reduzidas essencialmente à execução de suas funções: de uma pequena casa, residência do guarda da feira, um simples rancho de terra coberto de palhas em torno do qual é cultivado um pequeno jardim. Em geral, na proximidade, se localiza um galpão destinado ao pessoal responsável pelos

cuidados e tratamento das tropas, os tropeiros, homens que dormem no chão duro ou sobre um pelego estendido num quadrado de madeira e utilizando a sela, coberta de pelego de ovino, como travesseiro. Em torno desses galpões-albergues estão colocadas no chão as trempes de ferro para o preparo das refeições: invariavelmente, o famoso assado conhecido como churrasco, isto é, pedaços de carne assadas na brasa; estes são os fogões (fogones) cuja quantidade varia segundo o tamanho ou a lotação do albergue.

Nos fundos do local deve existir uma fonte de água, transformada em bebedouro, bem como porções de matas galerias, ao longo dos vales e canhada, onde é obtida a lenha necessária às atividades da cozinha. Frequentemente são colocadas balanças próximas aos trilhos da via férrea ou na margem das rodovias que, em geral, contornam os limites da feira. Aí, também podem se localizar embarcadores (mangueiras).

O local, com todas as suas instalações, está sempre localizado numa propriedade privada: nunca é dependente da administração municipal, como ocorre na Europa. Muitas vezes é propriedade de um fazendeiro que reserva uma parte de seus campos à realização da feira. Em alguns casos, o proprietário conserva a propriedade e a gestão do evento como é exemplar, o da feira da Estância de San Pedro de Timoteo onde, diversas vezes por ano, o proprietário organiza feiras para a venda de seu próprio gado.

É mais frequente o estancieiro alugar a um leiloeiro, pessoa especializada na administração de feiras que se ocupe em aumentar a lucratividade do local. Às vezes, o leiloeiro acaba comprando o terreno para dirigir os negócios da feira.

Encontram-se feiras criadas por sociedades pastoris ou a alguma forma de cooperativa de estancieiros, que as exploram diretamente com seus próprios leiloeiros ou entregam a gestão a especialistas. Alguns poderosos leiloeiros podem participar, simultaneamente, da realização de diversas feiras. Às vezes, ocorre o inverso: como em algumas feiras importantes que são administradas simultaneamente por vários leiloeiros. O mesmo ocorre com as feiras onde o leilão é livre, nas quais as vendas são feitas por várias pessoas. Outros, alugam o local para uma administração independente. Ocorrem, também feiras onde podem ser feitos leilões livremente por outras pessoas.

Os leiloeiros estão organizados como uma espécie de corporação, sendo oficialmente registrados pelo Estado sendo remunerados legal e duplamente sobre o valor dos negócios: 2% do comprados e 6% do vendedor. A reputação dos leiloeiros é muito importante na vida da feira pois são tão prestigiados que recebem toda a confiança para comprar e vender gado e assumem a responsabilidade pelo gado valioso e de pedigree comprovado.

O nome dos leiloeiros garante a segurança, a propaganda e a qualidade dos animais que são apresentados. A sua reputação profissional aumenta na proporção da quantidade de animais e da atração espacial dos comerciantes participantes nas feiras.

Os grandes frigoríficos e os poderosos açougueiros possuem seus próprios compradores que são importantes negociantes.

Os leiloeiros têm outras obrigações além do planejamento e da manutenção

do local. Eles são responsáveis pela publicidade da feira de forma especial através da elaboração e divulgação de anúncios em jornais utilizando, preferencialmente, a última página dos periódicos uruguaios. Devem, também, fixar, em diferentes repartições públicas, estações ferroviárias, bancos e grandes casas comerciais, cartazes de propaganda. Além disso devem publicar detalhados catálogos dos lotes à venda.

As feiras, em geral, não são livres pois no local não podem ser vendidos animais não registrados no catálogo, como nos mercados da Europa. Na feira os animais catalogados são negociados segundo as regras dos leilões. A feira atrai todo o mundo rural, pois nela participam os estancieiros, vendedores e compradores, sobretudo invernadores que compram o gado magro da zona Norte para engordar na Sul; os açougueiros das raras cidades vizinhas, os representantes de frigoríficos e os peões e tropeiros que se oferecem para realizar o transporte de gado. Muitas pessoas visitam os leilões-feiras somente para ver os preços ou julgar a qualidade dos animais. Nesse país de hábitat muito disperso, onde são raras as aglomerações, as pessoas participam dos leilões para reencontros pessoais, concentrando, assim, uma parte importante da vida social da região. Aí, tradicionalmente, os partidos políticos estão presentes realizando suas campanhas políticas e eleitorais.

Em geral, a feira termina com festas ou bailes onde os ciganos fazem espetáculos de circo, tocando em guitarras as longas e tristes melodias gaúchas. Jogam e apostam, segundo hábitos inveterados, desfilam e promovem corridas de cavalo que servem para atrair apostadores. Entretanto, essas múltiplas funções da feira não atraem a localização de aglomerações fixas e permanentes como em muitos países. É verdade que aí se localizam os boliches volantes (temporários com a duração da feira) onde se vendem doces e bebidas, mas são desmontados logo ao término da feira.

O local da feira é sempre um campo, muito afastado de qualquer aglomeração permanente. Encontra-se aí a hostilidade fundamental ao povoamento, o que marca os lugares da feira. É fato que as dimensões excepcionais do local de remate, onde se localiza a aglomeração, o gado domina a tal ponto que, por todos os lados, mesmo em torno do mercado, ele elimina o homem.

As feiras não são, em geral, especializadas na comercialização de um tipo ou raça bovina. Nos catálogos estão registrados lotes de ovinos, bovinos, cavalos e até mesmo de porcos e aves como, também, equipamentos e materiais agrícolas. Geralmente, cada feira reúne o gado dos estabelecimentos rurais das proximidades mas, pelo menos em certas épocas, encontram-se tropas trazidas de regiões mais afastadas, especialmente, o gado magro do Norte transferido às áreas de invernadas do Sul.

As feiras ocorrem em todo o território do Uruguai e em países e regiões como na Mesopotâmia argentina (Corrientes e Entre-Rios), no pampa do sul do Brasil (Rio Grande do Sul) e no Paraguai (Paraguai Meridional). É difícil precisar onde foi criado esse tipo de feira. No Uruguai, os primeiros leilões, oficialmente reconhecidos, datam de 1899, mas certamente são bem anteriores a esta data. Hoje, a República Oriental registra 354 leiloeiros oficiais.

As feiras não estão uniformemente distribuídas embora as de maior frequência e mais importantes estejam localizadas na Zona Intermediária entre as

estâncias do Norte, mais extensivas onde o gado é mais magro e frequentemente atacado por zoonoses e a Zona Meridional onde é fácil a engorda nas invernadas, razão porque são mais abundantes em torno dos Departamentos de Durazno, Trinta y Tres e Soriano.

Essas feiras têm uma certa localização geográfica e periodicidade: as mais frequentadas são realizadas no fim do verão, em março ou abril, quando existe previsão de ocorrências meteorológicas capazes de fazer diminuir o valor nutritivo das pastagens em razão do frio e ou da seca. Em abril, os leilões no Departamento de Durazno reúnem mais de dez mil cabeças de gado.

O período do inverno é pouco movimentado no mercado de animais, o do verão, pleno também, embora em algumas regiões, possam ocorrer a repetição da feira em dezembro, após as colheitas, cujas restevas são utilizadas como pastagens.

Além dos leilões, feiras são realizadas regularmente, todos os anos, em dia determinado, semana ou mês, cuja importância varia segundo as estações.

Esse curioso tipo de feira oferece muitos serviços nas regiões onde a pecuária tem papel dominante pois possibilita aos estancieiros, grandes e pequenos, vender seu gado, quase sem deslocamentos das tropas, suprimindo o papel dos intermediários, dos vendedores isolados, e aos estancieiros o fácil aprovisionamento com novos animais, evitando o transtorno do transporte. Essas feiras criaram um personagem típico; o leiloeiro, um regulador de todos os momentos do comércio de gado. Assim se explica que o Estado organize o controle de suas atividades, pelo papel essencial que exercem na economia do país.

Existe, no Uruguai, um leilão mais importante, de escala nacional, que regula todos os leilões-feiras do país: a Tablada de Montevideo que recebe o gado destinado ao abastecimento dos frigoríficos e das instituições exportadoras. A pecuária bovina no Uruguai criou um tipo muito curioso de feira: o "remate feria", o leilão-feira.